



**Universidade Federal do Oeste da Bahia
Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias
Curso de Licenciatura em Química**

TAYNÁ DOURADO DE ASSUNÇÃO

**Ensino de Química para estudantes surdos não fluentes em Libras numa
escola pública em Oliveira dos Brejinhos, Bahia.**

**Barreiras - BA
2025**

TAYNÁ DOURADO DE ASSUNÇÃO

O Ensino de Química para estudantes surdos não fluentes em Libras numa escola pública em Oliveira dos Brejinhos, Bahia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias da Universidade Federal do Oeste da Bahia, como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Química.

Orientador: Me Claudemir Teixeira

Barreiras - Ba
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

A851 Assunção, Tayná Dourado de.

O Ensino de química para estudantes surdos não fluentes em Libras numa escola pública em Oliveira dos Brejinhos, Bahia. / Tayná Dourado de Assunção. – 2025.

40f.

Orientador: Prof. Claudemir Teixeira.

Monografia (Graduação) – Licenciatura em Química. Universidade Federal do Oeste da Bahia. Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias. Barreiras, BA, 2025.

1. Ensino de Química; 2. Surdez; 3. Inclusão escolar; 4. Libras; 5. Educação. I. Teixeira, Claudemir. II. Universidade Federal do Oeste da Bahia - Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias. III. Título.

CDD 540

Biblioteca Universitária de Barreiras - UFOB

TAYNÁ DOURADO DE ASSUNÇÃO

O Ensino de Química para estudantes surdos não fluentes em Libras numa escola pública em Oliveira dos Brejinhos, Bahia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias da Universidade Federal do Oeste da Bahia, como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Química.

Aprovado em: 25/07/2025

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDEMIR TEIXEIRA**
Data: 06/08/2025 17:48:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. Claudemir Teixeira

Documento assinado digitalmente
 **TAMILA MARQUES SILVEIRA**
Data: 06/08/2025 21:42:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dra. Tamila Marques Silveira (Avaliadora)
CCET – UFOB

Documento assinado digitalmente
 **JOAO PESSOA PIRES NETO**
Data: 08/08/2025 12:53:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me João Pessoa Pires Neto (Avaliador)
CCET – UFOB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em especial a Deus e a Nossa Senhora, que sempre estão ao meu lado, e de modo particular ao Espírito Santo, que me ilumina, fortalece e guia cada passo da minha caminhada. É por meio dos seus dons - sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus - que encontrei forças nos momentos de dúvida, serenidade nos dias difíceis e discernimento para tomar decisões importantes ao longo deste percurso.

Apesar de me sentir pequena e incapaz, cheguei até aqui ao final de uma caminhada que parecia grande demais para mim. Foram muitos desafios, medos e dúvidas que só Deus e a Virgem Santíssima sabem, mas me sustentaram em cada passo no menor gesto, até mesmo no silêncio. Enfim, Como Santa Teresinha, descobri que não preciso ser forte aos olhos do mundo, basta confiar. Foi nesta confiança que avancei, e é com gratidão que reconheço: se cheguei até aqui, foi a mão de Deus que me fez grande, mesmo na minha pequenez. Como diz a Sagrada Escritura:

“A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza”

(2 Coríntios 12,9)

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela vida, pela presença e por ter me conduzido até aqui. Aos meus pais, por terem cooperado com Deus e se aberto ao dom da vida, permitindo que eu viesse ao mundo. Agradeço não apenas pela minha existência, mas por todo amor, esforço, exemplo e orações que me sustentaram até aqui. Agradeço profundamente a minha querida mãe Salete por sua força incansável, sua dedicação sem limites e seu amor incondicional. Obrigada pelo carinho, cuidado e preocupação. Agradeço ao meu esposo Marcelo sua presença foi um refúgio seguro, um abraço acolhedor tornou essa caminhada mais leve com seu amor, paciência e apoio constante. No momento difícil me encorajou a continuar e nunca me deixou que eu desistisse. Agradeço aos meus familiares e amigos presentes nessa jornada, pelo apoio, paciência, encorajamento e sugestões. Agradeço ao meu orientador, professor Claudemir Teixeira, por sua orientação, dedicação e contribuições valiosas ao longo desta jornada. Sua escuta atenta e incentivo constante foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço ao Colégio Estadual Tiradentes, que foi o espaço onde pude crescer, aprender e desenvolver minha pesquisa. Sou grata por terem aberto as portas para essa jornada de conhecimento e descoberta. Um agradecimento especial à professora de Química Maria Isabel, que foi minha professora e que, com seu compromisso e dedicação, contribuiu para a minha formação; ao diretor Luciano e à Vice-diretora Rose, pelo acolhimento e apoio durante a realização da pesquisa. A Cada um, que com sua contribuição, fez parte dessa etapa tão importante da minha vida acadêmica.

Agradeço sinceramente à banca examinadora, composta pela Professora Tamila Marques Silveira, pelo Professor João Pessoa Pires Neto e pelo Professor Dayton Fernando Padim. Sou imensamente grata pela disponibilidade, e pelo olhar atencioso dedicado ao meu trabalho.

RESUMO

O presente trabalho analisa as dificuldades enfrentadas no processo de ensino de Química para estudantes surdos que não possuem fluência em Libras, em uma escola pública de Oliveira dos Brejinhos, no estado da Bahia. A pesquisa tem como objetivo compreender como se dá o planejamento e a efetivação do ensino de Química para esse público, analisando as estratégias dos professores, a visão inclusiva presente no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e as orientações pedagógicas voltadas aos professores. A metodologia adotada foi o estudo de caso, com coleta de dados por meio de questionários aplicados à professora de Química, ao coordenador pedagógico e à pedagoga da escola, além da análise do PPP e observações diretas. Os resultados apontam para uma série de dificuldades: ausência de profissionais qualificados, como intérpretes de Libras; lacunas na formação inicial e continuada dos professores; falta de materiais didáticos adaptados; e ausência de um Atendimento Educacional Especializado (AEE) estruturado. Os dados revelam que, apesar dos avanços legais e da boa vontade de alguns profissionais, ainda há lacunas significativas na formação docente, na estrutura escolar e no apoio especializado. Por fim, reitero a importância de práticas pedagógicas inclusivas e de uma formação continuada que considere as especificidades dos estudantes surdos, como forma de garantir o direito à aprendizagem e à participação plena no ambiente escolar.

Palavras-chave: Ensino de Química; Surdez; Inclusão escolar; Libras; Educação.

Abstract

This study analyzes the challenges faced in the teaching of Chemistry to deaf students who are not fluent in Brazilian Sign Language (Libras), in a public school located in Oliveira dos Brejinhos, Bahia, Brazil. The research aims to understand how the planning and implementation of Chemistry teaching for this group occurs, by examining the strategies adopted by teachers, the inclusive perspective reflected in the school's Political-Pedagogical Project (PPP), and the pedagogical guidelines provided to educators. A case study methodology was adopted, with data collected through questionnaires applied to the Chemistry teacher, the pedagogical coordinator, and the school pedagogue, along with document analysis and direct observations. The results point to several difficulties: lack of qualified professionals such as Libras interpreters, gaps in initial and continuing teacher training, shortage of adapted teaching materials, and the absence of a structured Specialized Educational Support (AEE). The findings reveal that, despite legal advances and the goodwill of some professionals, significant shortcomings persist in teacher preparation, school infrastructure, and specialized support. Finally, I emphasize the importance of inclusive pedagogical practices and ongoing training that considers the specific needs of deaf students as a means to ensure their right to learning and full participation in the school environment.

Keywords: chemistry teaching; deafness; school inclusion; Brazilian Sign Language; education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	9
3. REFERENCIAL TEORICO	9
3.1 OS DESAFIOS NO ENSINO DE QUÍMICA	9
3.2.1 A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS SURDAS	11
3.2.2 TENDÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS	13
3.2.3 IMPORTÂNCIA DA LIBRAS PARA AS PESSOAS SURDAS	15
3.3 O ENSINO DE QUÍMICA PARA ESTUDANTES SURDOS	15
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
4.1 COLETA DOS DADOS	20
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORA	22
5.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AO COORDENADOR PEDAGÓGICO	24
5.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DA PSICOPEDAGOGA	25
5.4 ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA	28
5.5 TRIANGULAÇÃO DE DADOS	31
6. CONSIDERAÇÕES	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICES	36

1 INTRODUÇÃO

A educação é um dos pilares fundamentais da vida, pois ela assegura a formação da personalidade, do desenvolvimento físico, intelectual, moral, e promove a integração pessoal e social dos seres humanos, constitui também um fator importante na inclusão social, uma vez que, segundo a Constituição Federal, a educação é direito de todos.

[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988, 134 p).

Embora a legislação reconheça o direito à educação e à inclusão nas instituições de ensino, esse direito, especialmente no caso de pessoas surdas e com deficiência auditiva, nem sempre se concretiza plenamente. Na maioria das situações, observa-se a falta de preparo das escolas e dos professores para acolher estudantes com algum tipo de deficiência.

Diversos estudos apontam as dificuldades que os estudantes enfrentam para compreender a importância do estudo da Química. Se para alunos ouvintes essa compreensão já é desafiadora, para estudantes surdos, os obstáculos são ainda maiores.

No contexto do ensino de Química em escolas regulares, torna-se evidente que alunos surdos demandam uma atenção pedagógica especializada. As aulas precisam ser estruturadas com metodologias diferenciadas, que considerem suas necessidades específicas, especialmente o uso de recursos visuais. Nesse cenário, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) desempenha um papel fundamental, por ser uma linguagem visual e, na maioria das vezes, a primeira língua adquirida pela pessoa surda.

Isto posto, a motivação para esta pesquisa emergiu após a autora retornar à cidade onde foi criada e, em contato com a escola onde havia concluído o ensino médio, foi informada de que ali já havia estudantes surdos matriculados. No entanto, foi-lhe dito que esses estudantes surdos não sabiam Libras. Essa informação lhe chamou a atenção, pois em seu curso de licenciatura em Química, na Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, teve a oportunidade de aprender Libras e entender

a importância dessa língua para formação dos professores e evidentemente, para as pessoas surdas.

Assim, surgiram alguns questionamentos: Como a escola pública tem se preocupado com o planejamento do componente curricular Química para o ensino de estudantes surdos não fluentes na Libras?

Algumas hipóteses foram levantadas como indicativos para responder a esse problema, versando sobre: a complexidade em se ensinar aulas de Química aos alunos surdos devido à falta de conhecimento na área de inclusão; a falta de preparo e de assistência adequada às necessidades dos estudantes surdos nas escolas e; o aprendizado tardio da Libras pelo estudante surdo.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Perceber como acontece o planejamento e a efetivação do Ensino de Química para estudantes com deficiência auditiva não fluentes em Libras numa escola pública de Oliveira dos Brejinhos, Bahia.

2.2 Objetivos específicos

- Analisar as atitudes e estratégias utilizadas pelos professores de Química para o estudante com deficiência auditiva.
- Identificar a concepção de inclusão de estudantes com deficiência auditiva presente principalmente no Projeto Político Pedagógico - PPP da escola.
- Descrever os princípios que norteiam as orientações da coordenação pedagógica aos professores de Química com os estudantes surdos e deficientes auditivos.

3. REFERENCIAL TEORICO

3.1 OS DESAFIOS NO ENSINO DE QUÍMICA

Quando se fala em Ensino de Química, é comum ouvir relatos de estudantes sobre a dificuldade em se aprender conceitos químicos e suas fórmulas, bem como a

difículdade para os professores em se ensinar tais conceitos. Esses relatos são recorrentes, pois a Química é uma disciplina escolar que precisa unir teoria e prática, em uma metodologia de ensino que contemple aspectos da vida cotidiana dos estudantes.

A Química explica diversos fenômenos que acontecem no nosso cotidiano, como: por que uma vela apaga se a colocamos debaixo de um copo? Por que a chuva é ácida? Como são feitos os fogos de artifícios? Além das respostas a estas perguntas estarem relacionadas com a teoria Química, elas podem ser capazes de tornar o indivíduo mais crítico.

No entanto, alguns autores entendem que existe uma dificuldade para o Ensino de Química na maioria das escolas, como aponta Miranda e Costa (2007 apud Paz; Pacheco, 2010, p.2):

Na maioria das escolas tem-se dado maior ênfase à transmissão de conteúdos e à memorização de fatos, símbolos, nomes, fórmulas, deixando de lado a construção do conhecimento científico dos alunos e a desvinculação entre o conhecimento químico e o cotidiano. Essa prática tem influenciado negativamente na aprendizagem dos alunos, uma vez que não conseguem perceber a relação entre aquilo que estuda na sala de aula, a natureza e a sua própria vida. (Miranda e Costa (2007 apud Paz; Pacheco, 2010, p.2)

Nesta citação, é possível observar que o método de ensino é um desafio, pois uma escolha inadequada do método, pode prejudicar a compreensão do aluno ou causar-lhe desinteresse pela disciplina, gerando dificuldade ao seu aprendizado. Conforme Rocha e Vasconcelos (2016 p. 6), metodologias de ensino diferenciadas podem ser alternativas para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem dos estudantes.

Por essa razão, o professor deve ter um olhar reflexivo na sua prática de ensino e perceber a necessidade do estudante, sempre atento à melhor forma de ministrar os conteúdos, com uma didática que considere a individualidade de cada um. Não se pode negar que cada estudante ao chegar na escola, traz experiências de vida e conhecimentos acerca de fenômenos que merecem ser revisitados para o aprendizado de novos conceitos.

Os PCNs (Brasil, 1999, p.66) sinalizam que,

[...] os conhecimentos difundidos no Ensino de Química permitem a construção de uma visão de mundo mais articulada e menos fragmentada, contribuindo para que o indivíduo se veja como

participante de um mundo em constante transformação. (Brasil, 1999, p.66)

Uma prática pedagógica bastante discutida no Ensino de Química é a contextualização com o cotidiano do estudante, visto que, a Química é uma ciência que explica diversos fenômenos. Então, os conceitos químicos não devem apenas serem ensinados de forma teórica, mas sim de uma forma que facilite a construção do conhecimento, onde os indivíduos compreendam e relacionem com fatos que ocorrem na vida diária.

No que diz respeito aos estudantes com deficiência, é importante destacar o que estabelece o artigo 59, inciso I, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96). De acordo com a norma, os sistemas de ensino devem garantir a esses estudantes currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e formas de organização específicas, que atendam às suas necessidades.

Diante disso, percebe-se que o Ensino de Química impõe desafios significativos aos professores da escola regular. Esses desafios tornam-se ainda mais complexos quando se trabalha com estudantes com deficiência, especialmente com pessoas surdas e/ou com deficiência auditiva.

3.2.1 A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS SURDAS

É muito importante antes de tudo conhecer a história e refletir sobre ela, para assim entender a trajetória e o processo na educação de surdos até os dias atuais. Segundo Goldfeld (2002, p. 27) “Conhecer a história, bem como as filosofias educacionais para surdos, é o primeiro passo para iniciar um estudo mais aprofundado [...]”.

A história da educação para surdos surge no início do século XVI, por meio de iniciativas de médicos e religiosos da época, através de um ensino que permitisse desenvolver a língua oral. No entanto, esse ensino era restrito apenas aos filhos surdos da nobreza, limitando o acesso a outras pessoas surdas.

Ao analisar a história, destaca-se a atuação do monge beneditino que se tornou conhecido como o primeiro professor para surdos, o espanhol Pedro Ponce de León (1520 - 1584). Ele ensinava os surdos no Monastério de San Salvador em Onã Burgos, na Espanha e demonstrou que essas pessoas também eram capazes de aprender.

De acordo com Goldfeld (2002), a metodologia desenvolvida pelo monge era baseada na datilologia¹.

Há relatos que nos mosteiros medievais os monges faziam voto de silêncio e com isto utilizava gestos para se comunicarem, acredita-se que Ponce de Léon utilizava alguns desses sinais para ensinar os surdos.

Ainda no século XVI, encontra-se a figura do médico e filósofo suíço Gerolamo Cardano, que se dedicou ao estudo da fisiologia do ouvido. Ele avaliou a capacidade de aprendizagem em diferentes surdos e certificou que a surdez não afetava a inteligência da pessoa. Então, começou a utilizar a linguagem escrita e de sinais para ensinar os surdos. Cardano constatou que a escrita poderia representar os sons da fala ou representar ideias do pensamento e, por esse motivo, a mudez não impedia que o surdo adquirisse conhecimento (Soares, 2005, p.17).

Juan Martin Pablo Bonet (1579-1633) também contribuiu para a educação de surdos. Em 1620, Bonet publicou um livro intitulado “Redação das letras e arte de ensinar os mudos a falar”. Para ele, a educação de surdos deveria basear-se, primeiramente na escrita, em seguida fazer o uso do alfabeto manual, criado pelos religiosos dos mosteiros.

O abade francês Charles-Michel De L’Epée (1712-1789) foi outro educador de grande importância nas primeiras iniciativas no ensino de surdos, pois, fundou a primeira escola pública para essas pessoas, em 1760, denominado de Instituto dos surdos-mudos de Paris. Mais tarde, essa instituição passou a se chamar, Instituto Nacional de Surdos de Paris (Soares, 2005, p.31).

L’Epée ensinou através do método gestual baseado nos sinais monásticos. Esse método foi denominado gestualismo. Para isso, L’Epée considerou os sinais já conhecidos pelos surdos e chamou de sinais metódicos, usados para o desenvolvimento da linguagem escrita. Ele foi o primeiro educador a reconhecer que os surdos tinham sua própria língua, tornando-se conhecido como Pai dos surdos (Rocha, 2007, p. 18).

Em Milão (Itália) no ano de 1880 foi realizado o II Congresso Internacional de Professores de Surdos, conhecido como Congresso de Milão. Conforme relata Soares:

¹ A datilologia se refere à soletração manual do alfabeto da língua oral.

(...) o meio mais natural e efetivo pelo qual o surdo que fala adquire o conhecimento da linguagem é o método “intuitivo”, que consiste em expor, primeiro pela fala, e depois pela escrita, os objetos e os fatos que ocorrem diante dos olhos dos alunos (International Congress of The Education of The Deaf, 1880, p. 05) In: Soares, (1999, p. 45).

No Brasil, a história da educação de surdos instituiu-se oficialmente a partir de 1855, quando o francês surdo Hernest Huet esteve no país a convite de D. Pedro II, e fundou a primeira escola para surdos. O antigo Imperial Instituto de Surdos-Mudos, atualmente denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), continua sendo reconhecido como uma das principais referências nacionais na Educação de pessoas surdas no Brasil.

3.2.2 TENDÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Antes de entrar nas tendências na educação de surdos, é importante destacar a diferença entre deficiência auditiva e surdez. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, (2010), no Brasil, há 2,3 milhões de pessoas com algum grau de surdez e cerca de 9,8 milhões de pessoas possuem alguma deficiência auditiva. Estima-se que, a cada 200 bebês que nascem, três sejam surdos, condição que pode dificultar ou até mesmo impossibilitar a percepção de sons simples, como o canto dos pássaros, evoluindo até sons mais intensos, a exemplo de uma sinfonia musical.

Segundo os decretos 5.296 de 12 de dezembro de 2004 e o 5.626, de 22 de dezembro de 2005, deficiência auditiva é a perda bilateral, parcial ou total, de 41 decibéis dB ou mais. As pessoas com perda auditiva leve ou moderada podem ser consideradas deficientes auditivos, por terem parte da audição preservada e podem fazer uso de aparelho auditivo para processar informações sonoras. Já a surdez é caracterizada pela perda auditiva profunda e de acordo com o decreto 5.626/2005 (Brasil, 2005), pessoa surda é aquela que, por ter perda auditiva, entende e interage com o mundo por meio de experiências visuais (Smith, 2008 p. 299).

Desta maneira, existem os surdos pré-linguísticos e os pós linguísticos. Os surdos pré-linguísticos são aqueles que ficaram surdos antes de aprenderem a falar e entender a linguagem. Os surdos pós-linguísticos são aqueles que aprenderam a

falar e compreender a linguagem oral antes de perderem a audição (Smith, 2008 p. 299).

As tendências e metodologias utilizadas no processo educacional de surdos incluem o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. A partir de 1880, com a realização do Congresso de Milão, o oralismo passou a dominar as práticas educacionais, resultando na proibição do uso da língua de sinais. Assim, a educação de surdos passou a enfatizar exclusivamente o ensino da oralização. Segundo Soares (1999), o oralismo é definido com:

Oralismo, ou método oral, é o processo pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e na produção de linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala, pode se constituir em interlocutor por meio da linguagem oral (Soares, 1999, p. 01).

O método oralista não apresentou resultados esperados quanto à educação e desenvolvimento linguístico do sujeito surdo, portanto, para suprir as falhas do método que anula a identidade surda, no século XX, a língua de sinais ressurgiu combinada à forma oral. A esse novo método denominou-se Comunicação Total. Para Ciccone (1996), a Comunicação Total trata-se de:

[...] uma proposta educacional, cujos critérios básicos se constroem a partir de uma visão do surdo como pessoa, em quem não se pode isolar uma privação sensorial; a partir de uma conceituação de pessoa-que-não-ouve como portador de uma diferença; a partir de um entendimento do surdo como alguém que, como tal, será aceito e, portanto, respeitado em suas necessidades e capacidades (Ciccone, 1996, p. 07)

A comunicação total era uma proposta que consistia no uso de diversos recursos para a comunicação da pessoa surda, desde a utilização de gestos, expressão facial, leitura labial, leitura da escrita “[...] com o objetivo básico de abrir canais de comunicação adicionais. É mais uma filosofia que se opõe ao oralismo estrito do que propriamente um método” (Capovilla, 2008, p. 1483).

Posteriormente, passou -se a pensar em uma filosofia educacional a partir da língua de sinais, com isso surgiu o Bilinguismo. Desta Maneira, Goldfeld (1997), entende que:

O Bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país (...) os autores ligados ao Bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilinguistas, o surdo não

precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir e aceitar sua surdez (Goldfeld, 1997, p. 39)

O método bilíngue possibilita que o surdo aprenda a língua de sinais como sua língua materna e a língua escrita da comunidade ouvinte a qual o sujeito está inserido, e permite a inserção não somente na comunidade escolar, mas em todos os âmbitos da sociedade.

3.2.3 IMPORTÂNCIA DA LIBRAS PARA AS PESSOAS SURDAS

A Libras é de extrema importância na vida de muitas pessoas surdas, pois com essa língua podem se comunicar com o mundo ao seu redor e contribui para o aprendizado da pessoa surda. Seu reconhecimento como língua dos surdos brasileiros se deu pela Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002), regulamentada no Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (Brasil, 2005). Esta Lei prescreve que

[...] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002. p.1).

O reconhecimento da Libras por meio da Lei nº 10.436, de 2002 garante às pessoas surdas o direito à Educação. Na mesma legislação exige a inclusão da Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores, instrutores de Libras e nos cursos de fonoaudiologia, para que haja a formação especializada desses profissionais, como forma de garantir o acesso à educação ao surdo (Dalli, 2010 p. 43).

3.3 O ENSINO DE QUÍMICA PARA ESTUDANTES SURDOS

Acredita-se que a Química é uma ciência que vai do macro ao micro, do universo ao átomo e se encontra em nosso cotidiano desde a forma mais típica, como no preparo de um alimento, ou até mesmo na forma mais ampla como na composição do ar que respiramos. A Química é vista como “um dos meios de interpretação e

utilização do mundo físico” (Brasil, 1999, p.31), e ainda que se apresenta como um meio de possibilitar “o desenvolvimento de conhecimentos e valores que possam servir de instrumentos mediadores da interação com o mundo” (Ibidem, p.38).

Desse modo, o Ensino de Química deve proporcionar aos estudantes compreender os conceitos científicos, construídos historicamente, através dos fenômenos naturais associados à teoria, conferindo significado a simbologia científica (Oliveira; Melo; Benite, 2010).

Chassot (1990, p. 30) afirma que “a Química é também uma linguagem. Assim, o ensino da Química deve ser um facilitador da leitura do mundo. Ensina-se Química, então, para permitir que o cidadão possa interagir melhor com o mundo”. Isto posto, nos PCNs (Brasil, 1999, p.66) para o Ensino de Química, orientam que “[...] os conhecimentos difundidos no Ensino de Química permitem a construção de uma visão de mundo mais articulada e menos fragmentada, contribuindo para que o indivíduo se veja como participante de um mundo em constante transformação”.

Consequentemente, ao analisar a literatura foi possível perceber que muitos estudantes relatam a dificuldade que têm de aprender conceitos químicos, por possuírem códigos e símbolos que podem dificultar a compreensão e o seu aprendizado. Nesse sentido, pode-se concordar com Mortimer (1998, p. 02) ao dizer que “A linguagem científica possui características próprias, diferentes da linguagem comum, que foram historicamente estabelecidas ao longo do desenvolvimento da ciência como forma de registrar e ampliar o conhecimento científico”.

A importância da linguagem oral para o ser humano é inquestionável, pois é com ela, que no ambiente escolar, estudantes acessam conceitos científicos como os que são estudados no Ensino de Química. Porém, se a linguagem oral for a única forma de comunicação nesse contexto, a aprendizagem do estudante surdo pode ficar comprometida, caso a escola não entenda as necessidades comunicacionais e linguísticas desse estudante (Santana, 2007; Lacerda; 2009; Queiroz; Benite, 2009).

Nesta Perspectiva, é muito importante que a escola tenha um intérprete de Libras, pois esse profissional irá auxiliar na promoção da acessibilidade aos estudantes surdos, pois ele será o responsável pela mediação da comunicação no processo tradutório dos conteúdos escolares entre a Língua Portuguesa e a Libras. Oliveira e Benite (2011, p.1) entendem que:

Na escola, o contato dos alunos surdos com a língua de sinais (sua língua de acesso à linguagem), dependerá de pessoas fluentes nesta

língua, e na maioria dos casos da presença de um intérprete de LIBRAS para intermediar estas relações dialógicas entre professor e aluno. *(Oliveira e Benite , 2011, p.1)

Ou seja, sem a Libras e o intérprete de Libras, o Ensino de Química se torna muito mais complicado a esses estudantes, e assim, surgem as dificuldades de ensinar essa ciência através da Libras, pois muitos conceitos da Química não têm sinais específicos em Libras. Afinal,

Os estudos da língua de sinais são recentes comparados aos estudos das línguas orais, dessa forma, o vocabulário para muitos conceitos estão em constante construção (Quadros; Karnopp, 2004 p. 80).

A falta de formação adequada de professores também se configura como outra dificuldade no Ensino de Química para estudantes surdos. É importante citar que, de acordo com o Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, em seu artigo 3º, “A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores [...]”. Conforme aborda Pereira (2011) a falta do intérprete de Libras, ou a ausência do desconhecimento dele quanto aos conceitos químicos, contribui para o baixo rendimento escolar e a falta de interesse dos alunos surdos e para que fiquem em desvantagem com relação aos estudantes ouvintes (Pereira et al, 2011).

Nesse sentido, faz-se necessário elaborar e implementar metodologias no Ensino de Química para que os conceitos fiquem mais coerentes com a realidade de cada estudante. É inegável que o ensino da linguagem científica aos estudantes surdos não é um processo fácil. Entretanto, com metodologias e iniciativas acessíveis, pode-se melhorar a qualidade do Ensino de Química não só para esses estudantes, como para os ouvintes.

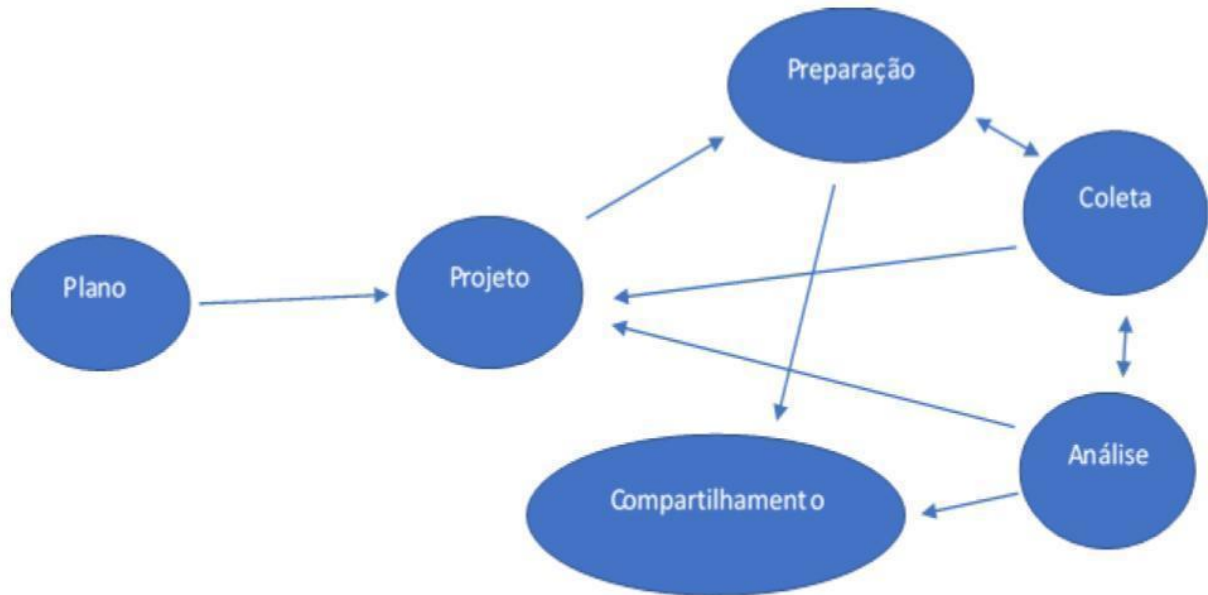
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método constitui uma fase fundamental de uma investigação, pois orienta o desenvolvimento do estudo com o propósito de alcançar o objetivo estabelecido. Existem vários tipos de pesquisa, que podem variar quanto à abordagem, à natureza, aos procedimentos e aos objetivos. Cada tipo pode utilizar métodos distintos para coletar e analisar os dados obtidos.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa de Estudo de Caso Único. Segundo Coimbra e Martins, (2008 p. 90) o estudo de caso único, busca a investigação de uma realidade, com o objetivo de transformar o conteúdo obtido em

uma escrita científica. A escolha pelo Estudo de Caso se mostrou apropriada, uma vez que ele abrange procedimentos (conforme ilustrado na Figura 1) essenciais para atingir os objetivos relacionados ao problema apresentado.

Figura 1- Modelo de processo linear para Estudo de Caso.



Fonte: Adaptado de Yin (2010, p. 21).

De acordo com o diagrama ilustrado acima, o conceito de Plano articulado por Yin (2010, p. 24) se esforça para elucidar as questões de pesquisa enquadradas como “como” ou “por que”, fornecendo assim uma justificativa para a execução de um estudo de caso. Consequentemente, no trabalho acadêmico aqui delineado, o Plano é interpretado como a fase fundamental do esforço de pesquisa.

O tópico Projeto, no mesmo diagrama, tem a função de definir a unidade de análise e os prováveis casos a serem estudados, além de desenvolver a teoria e os temas relacionados, que irão orientar a condução do Estudo de Caso. De acordo com Yin (2010, p. 57), a definição da unidade de análise ou do “caso” é imprescindível ao projeto, pois representa a articulação da teoria sobre o objeto investigado.

A preparação é o próximo tópico para realização de um estudo de caso, que segundo Yin, visa ampliar as habilidades como investigador e treinar para desenvolver o protocolo para o estudo de caso específico.

A etapa seguinte do diagrama é a coleta de dados, que, segundo Yin (2010, p. 125), pode se basear em seis fontes principais: documentos, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos, cada uma com suas particularidades. Para Goldenberg (ano, p. 34), “não é possível formular regras precisas sobre as técnicas utilizadas em um estudo de caso, porque cada entrevista ou observação é única: depende do tema, do pesquisador e de seus pesquisados.” A essa observação, pode-se acrescentar o uso do questionário como instrumento complementar para obtenção de informações junto às participantes da pesquisa.

Yin (2010, p. 129) ainda diz que a complexidade do estudo de caso frente a outras estratégias de pesquisa, bem como a versatilidade metodológica que ele permite, refletem a flexibilidade que essa abordagem possibilita ao pesquisador. Para além da variedade de instrumentos, Yin (2010) ainda apresenta exemplos de estudos em que o questionário foi aplicado, demonstrando que, apesar de não ser uma fonte de dados tradicionalmente adotada no estudo de caso, é comumente aceito por pesquisadores, como as seis já citadas.

A escolha pelo uso do questionário foi motivada pela intenção de não intimidar as participantes, permitindo que elas se sentissem confortáveis ao responder e respeitando as possibilidades e limitações de cada uma.

Houve também a preocupação com o tempo das participantes, em função da carga horária que eles dispunham para participar da pesquisa, visto que se a opção fosse a entrevista, poderia haver dificuldades na adesão das participantes na pesquisa.

O tópico de Análise dos dados trata-se da utilização das evidências e estratégias para tirar conclusões baseadas empiricamente na teoria e desenvolver descrições do caso estudado. Para Yin (2010, p. 155) existem cinco técnicas específicas da análise dos estudos de caso, são elas: a combinação de padrão, a construção de explanação, a análise de séries temporais, os modelos lógicos e a síntese cruzada dos casos.

Logo, relatar um estudo de caso requer trazer os resultados e constatações, ou seja, apresentar as evidências suficientes para o público. Neste estudo, optou-se pela síntese cruzada dos dados na triangulação, a fim de que os resultados obtidos na pesquisa, demonstrassem o avanço teórico intencionado.

Yin (2010, p. 143) defende o uso da triangulação nos estudos de caso, pois considera ser um ponto forte e importante o fato de usar diferentes fontes de evidências. Essa técnica permite que o investigador aborda uma maior variação de aspectos históricos e comportamentais, encorajando-o a coletar informações de múltiplas fontes de evidências, mas que visem corroborar com o mesmo fato ou fenômeno, uma vez que as fontes múltiplas de evidências proporcionam várias facetas do mesmo fenômeno.

Quanto aos fins, esta pesquisa se classifica como descritiva, pois teve como objetivo elaborar uma narrativa a partir da observação do ambiente de ensino, acompanhando as aulas de Química direcionadas a estudantes surdos. Conforme Vergara (2000, p. 47), a pesquisa descritiva caracteriza determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza.

Assim, para o levantamento das informações e posterior triangulação, os instrumentos utilizados foram questionário, observação direta e análise do PPP da escola, como fonte para a análise documental. Antes de iniciar a pesquisa com seres humanos, este trabalho foi submetido à análise e aprovado pelo Comitê de Ética da UFOB (CEP/UFOB) seguindo as recomendações da Resolução 466/12 e todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

4.1 COLETA DOS DADOS

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Tiradentes que fica localizado no município de Oliveira dos Brejinhos, Bahia, órgão vinculado à Secretaria de Educação do Estado da Bahia e ao Núcleo Territorial de Educação- NTE-02.

Foram aplicados dois questionários: um para a professora de Ensino de Química (Anexo 1) e outro para o Coordenador Pedagógico da escola (Anexo 2). Foi realizada também, pesquisa documental, estudando o Projeto Político Pedagógico, o Plano de Ensino e Currículo da Escola, a fim de verificar como o tema da inclusão de pessoas com deficiência e, em especial os surdos ou com deficiência auditiva, são tratados nos seus aspectos conceituais.

Inicialmente, o público-alvo da pesquisa havia sido pensado para a professora de Ensino de Química e o coordenador pedagógico. Porém, após diálogos iniciais com a diretora da escola a fim de apresentar o projeto de pesquisa e uma primeira

aproximação com a professora de Ensino de Química, foi identificado que a escola não dispunha do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e/ou serviço de atendimento psicopedagógico formalizado. Apesar disso, havia uma psicopedagoga na escola, que atendia ao público-alvo desse serviço. Por esse motivo, foi acrescentado um questionário direcionado à essa psicopedagoga, a fim de que novos elementos pudessem contribuir de algum modo com as respostas do Coordenador Pedagógico e da professora de Ensino de Química.

É importante registrar que as informações iniciais eram que havia na escola duas estudantes surdas. Uma cursava o primeiro ano do ensino médio e a outra o segundo ano. Em uma breve conversa com a diretora e com a mãe de uma das estudantes, eles seriam surdos e não se comunicava fluentemente em Libras, o que motivou o interesse pela pesquisa sobre o Ensino de Química para pessoas surdas sem o domínio dessa língua.

No entanto, ao iniciar a pesquisa no primeiro diálogo com a professora de Química, foi constatado que o estudante do segundo ano do ensino médio, antes informado como surdo, possuía perda auditiva, mas na escola não havia registro do resíduo auditivo preservado. A outra estudante, do primeiro ano do ensino médio, também havia sido informada como surda, mas, segundo a psicopedagoga, não possuía deficiência auditiva. Contudo, a mãe da estudante afirmava que era surda, sem possuir laudo médico comprobatório.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as informações obtidas através dos questionários aplicados, da pesquisa documental e das observações anotadas no Diário de Campo, foi possível iniciar as análises com foco no planejamento e na efetivação do Ensino de Química para estudantes surdos não fluentes em Libras numa escola pública de Oliveira dos Brejinhos, Bahia. Posto isto, foi utilizado uma síntese cruzada dos casos e como estratégia de análise cruzamentos de instrumentos. As respostas das participantes dessa pesquisa serão apresentadas em *itálico e entre aspas*.

5.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORA

No colégio em que foi realizada a pesquisa, há duas professoras de Química. Uma professora leciona nas turmas do Ensino Médio do diurno e outra no noturno. O questionário foi aplicado para a professora do diurno, pois em sua turma havia o estudante com deficiência auditiva.

No questionário foram feitas quinze perguntas com o objetivo de analisar as atitudes, estratégias e dificuldades utilizadas pela professora de Química para pessoas surdas ou com deficiência auditiva. No Quadro 1 estão algumas perguntas feitas para a professora e as respostas dela.

QUADRO 1 - QUESTÕES ABORDADAS NO QUESTIONÁRIO APLICADO À PROFESSORA

QUESTÃO	RESPOSTA	DESTAQUES	COMENTÁRIOS
1	Sim		
2	15 anos		
3	Sim. Introdução a Libras	Introdução	Identifica que a professora já tem noções básicas da Libras.
4	Sim. Esse componente foi abordado no quarto semestre	Quarto semestre	Dizer que esse componente esteve no quarto semestre pode demonstrar que ela não se lembra de muitos temas e discussões abordados até a conclusão do curso e consequentemente agora na sua atuação profissional.
5	Sim.		Já teve outros alunos com deficiência

Elaborado pela autora

A professora de Química é licenciada na área e tem 15 anos de profissão, o que significa que possui conhecimento e experiência em sala de aula, e durante esse período já lecionou para outros estudantes com deficiência auditiva, além do atual.

A pergunta 6 aborda a experiência de lecionar para o aluno com deficiência, a professora respondeu que:

“É um desafio constante, uma vez que a minha formação não me oferece ferramentas que eu possa contribuir de forma mais eficaz com esse aluno, além disso as turmas cheias não permite a realização de um atendimento específico.”

Pode-se observar a insatisfação da professora, visto que a formação dela não dispõe de recursos que ofereçam meios para o ensino de estudantes com deficiência auditiva, apesar de ter sido apresentada a ela a disciplina no quarto semestre do curso, não se foi suficiente para que tenha um atendimento específico para os estudantes. Posto isso, é necessário salientar a importância da formação de

professores como um dos requisitos para a garantia de inclusão de estudantes surdos e com deficiência auditiva nas escolas regulares.

Segundo Pinheiro (2010, p.68) é necessário que a formação inicial de professores trate de aspectos que norteiam a inclusão, para que os docentes possam perceber na prática as necessidades especiais dos estudantes, para que assim, compreendam a educação inclusiva a partir de um olhar inclusivo. Dessa forma, para que haja melhoria no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com deficiência esse aspecto é função principal da docência, visto que, a falta de conhecimento dificulta a prática docente. Nessa perspectiva, afirma Libâneo (1998 p.29) que a formação inicial recebida pelos docentes influencia no desenvolvimento dos estudantes.

Na pergunta 9, sobre os conteúdos mais difíceis de ensinar aos alunos com surdez, ela respondeu:

“A parte de Cálculos e fórmulas abordadas no conceito soluções”.

A Química envolve uma grande quantidade de termos técnicos, símbolos e fórmulas. Para Pereira et al. (2011b, p. 52), os conceitos químicos são essencialmente simbólicos, conseqüentemente, constitui um sistema geral de signos para os quais não existem sinais na Libras, tornando seu aprendizado uma tarefa desafiadora.

A Química envolve muitos conceitos abstratos, como a estrutura atômica, as ligações químicas e a dinâmica das reações. Para os alunos surdos, a falta de uma compreensão clara e visual de como essas interações acontecem pode ser um desafio. A maioria dos alunos surdos pode se beneficiar de representações visuais, animações, diagramas e modelos tridimensionais, mas isso exige que o professor utilize recursos pedagógicos apropriados.

Na turma da professora de Química, ela utiliza materiais didáticos que chame a atenção do estudante deficiente auditivo como Slides, vídeos, moléculas de plásticos ou bolas de isopor, experiências, filmes, recursos que estimulem o desenvolvimento do estudante com deficiência auditiva. Os Recursos didáticos são fundamentais para a educação de qualidade e ajudam na compreensão da disciplina, são uma alternativa eficiente de Ensino de Química.

5.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AO COORDENADOR PEDAGÓGICO

O coordenador pedagógico é um profissional fundamental para que o bom trabalho e funcionamento da escola aconteça é aquele que orienta e oferece aos grupos escolares, docentes, alunos e direção, reflexões de como enfrentar os desafios a solucionar conflitos, auxiliar nas atividades e propostas de ensino. Nessa pesquisa esse profissional que é de extrema importância no contexto escolar foi um dos instrumentos de pesquisa.

O coordenador pedagógico o qual participou da pesquisa, atua há um ano no colégio, mas de atuação profissional na área tem mais de 8 anos. Na graduação teve contato com a disciplina de Libras e a educação inclusiva foi uma das pautas de estudos durante a formação, demonstrou-se interesse em aprofundar mais sobre o tema pretendendo futuramente fazer um curso de especialização na área da educação inclusiva.

Do questionário (Quadro 2) aplicado ao Coordenador Pedagógico, destacam-se as três primeiras questões, pela relação que elas têm com a formação da profissional:

QUADRO 2 - QUESTÕES ABORDADAS NO QUESTIONÁRIO APLICADO AO COORDENADOR PEDAGÓGICO

QUESTÃO	RESPOSTA	DESTAQUES	COMENTÁRIOS
1	No Colégio Estadual Tiradentes atuo há 1 ano, porém tenho outras experiências profissionais que totalizam 8 anos.	Experiências profissionais	
2	Sim		Dizer que teve Libras na graduação
3	A educação inclusiva foi pauta de estudos tanto na formação inicial quanto na continuada. Hoje, faço algumas leituras por conta própria e tenho pretensão de cursar uma especialização na área.	Especialização na área	Aborda a vontade de se aprofundar mais no tema da inclusão escolar.

Elaborado pela autora

Ao se perguntar como a escola tem se preocupado com o Ensino de Química para estudantes surdos ou com deficiência auditiva sem o domínio da Libras o coordenador respondeu:

“No Município não dispomos de profissionais formados em Libras. Além disso, notamos que o estudante oraliza, se comunica oralmente com os colegas e professores. Chegamos a verificar com ele e os familiares a necessidade de um profissional (intérprete), mas os mesmos não acharam necessário.”

Observa-se na fala do coordenador a falta de preparação para receber estudantes surdos sem o domínio da Libras, visto que no Município do colégio não se dispõe de profissionais formados, percebe-se então um desafio significativo.

A recusa da família em aceitar um profissional intérprete pode ser um sinal de negação da deficiência ou desconhecimento da deficiência e dos benefícios do apoio especializado para o estudante e como a falta desse apoio pode influenciar no acesso à educação de qualidade.

Segundo Vygotsky (1988, p 123) “o apoio especializado pode ajudar o estudante a superar obstáculos e a avançar em sua aprendizagem, permitindo que ele alcance seu potencial e se desenvolva de forma mais eficaz”. Faz-se necessário para que o desenvolvimento e aprendizagem ocorra de forma significativa o apoio especializado para estudantes surdos e com deficiência auditiva, pois esse proporciona um ambiente escolar de aprendizagem que permite ao estudante se desenvolver e alcançar o seu potencial.

A Lei nº 9.394/1996 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e determina que as instituições de ensino devem assegurar aos estudantes com deficiência o direito a ter currículos, métodos, técnicas e recursos educativos para atender às suas necessidades. Dessa forma, a escola é responsável por providenciar o apoio especializado a este público-alvo. A família tem um papel importante no apoio ao estudante, mas a escola também tem a responsabilidade de oferecer esse apoio, mesmo que a família não queira, pois é fundamental para garantir a inclusão.

5.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DA PSICOPEDAGOGA

No colégio tem uma psicopedagoga contratada para atender aos estudantes com deficiência. Participando de um encontro da psicopedagoga com a estudante com

deficiência auditiva na biblioteca da escola, foi possível perceber que profissional tenta se comunicar falando para que a estudante possa escutar bem as palavras, mas a estudante reproduz as suas palavras, demonstrando ter entendido o que ela falou. Dessa forma, psicopedagoga tentava provar que a estudante não era surda, pedindo que ela repetisse algumas sílabas. A estudante olhava para ela e empenhava-se em pronunciar de forma igual, mas demonstrava dificuldade na pronúncia. Apesar disso, a psicopedagoga afirmou que a estudante não era surda, por tentar falar e emitir som semelhantes as sílabas pronunciadas por ela.

Contudo, quando perguntada no questionário sobre a dificuldade no atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva, a sua resposta foi:

“No que diz respeito às dificuldades a maior de todas elas é na comunicação oral com uma das alunas que possui dificuldades na fala.”

O fato da psicopedagoga afirmar que a estudante não seria surda, se contrasta com a resposta acima, pois se por um lado ela tenta provar que a estudante fala, por outro, diz que há dificuldade na comunicação. Da mesma forma, ao ser perguntado na questão 4, se ela teria conhecimento ou habilidade com a Libras, sua resposta foi que não tinha. Contudo, respondendo à pergunta 3, ela diz que cursou Libras no curso de pedagogia. Já na resposta à pergunta 5, diz que utiliza imagens para se comunicar com os estudantes surdos.

Essas respostas reforçam o que foi observado no atendimento à estudante, quando a psicopedagoga fez uso de alguns recursos, como apostila, cartilhas e atividades para ensinar a estudante a ler e escrever. Segundo o Art. 1º da Resolução Nº 4, de 2 de outubro de 2009, apresenta que:

(...) os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

O AEE faz parte da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) de 2008, que apresenta como proposta ao atendimento dos alunos com deficiências, Transtornos Globais do Desenvolvimento e Altas Habilidades. É direito desses alunos serem atendidos no AEE.

Esse documento orienta a organização dos sistemas educacionais inclusivos, determina o público-alvo da educação especial. O documento também convida e orienta o pedagogo e professores a buscarem formação continuada que apoie o seu trabalho junto ao processo de escolarização dos alunos público-alvo da educação especial, mais precisamente neste trabalho, com os alunos com deficiência auditiva. Essa formação pôde ser identificada na psicopedagoga ao responder à questão sobre ela ter realizado curso para atuar no AEE.

“Sim. Fiz dois aperfeiçoamentos com carga horária de mais de 360h”.

Em sua resposta ela não detalhou os títulos desses cursos, mas esse interesse pelo aperfeiçoamento na área, revela o seu interesse em procurar melhores condições no atendimento aos estudantes com deficiência da escola.

Para as pessoas surdas ou com deficiência auditiva, o AEE deve dispor de três momentos distintos: ensino de Libras, ensino em Libras e ensino de Língua Portuguesa como segunda língua. Mas, para atuar no Atendimento Educacional Especializado para pessoas surdas a professora precisa saber e ter amplo domínio da Libras e elaborar recursos didáticos com uso de imagens.

Ao ser perguntado sobre sua experiência no atendimento a estudantes surdos ou com deficiência auditiva, a psicopedagoga respondeu:

“Estou há pouco tempo exercendo atividades voltadas à Educação Especial e Inclusiva. Mas a experiência é excepcional, ao mesmo tempo que ensino aprendo coisas novas relacionadas ao mundo dos educandos com a alguma necessidade educativa especial.”

Segundo Oliveira (2003), a maioria dos educadores não está preparada para trabalhar com alunos surdos. Isso se deve principalmente ao fato de muitos educadores não reconhecerem o uso de uma língua de sinais como veículo de inclusão dos alunos surdos.

A Resolução CNE/CEB Nº 4, de 2 de outubro de 2009 em seu Art. 12 expõe que para atuação no AEE, o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica para a Educação Especial.

Compreende-se, então, que para que haja inclusão é preciso que os educadores estejam atentos às necessidades de cada educando, propondo atividades que favoreçam seu aprendizado a partir das suas especificidades. Um dos fatores que ajuda na aprendizagem é ter conhecimento da deficiência do estudante, como saber a diferença de deficiência auditiva e surdez ajuda no ensino aprendido, pois, com

isso, o profissional capacitado saberá como preparar os recursos didáticos próprio para o estudante, visto, que cada ser é único.

No que tange, surdez e deficiência auditiva, denomina-se deficiência auditiva qualquer perda leve ou severa da capacidade de ouvir sons. Já a surdez é caracterizada pela perda auditiva profunda da audição. A amplitude determinada por algum som é medida por decibéis (dB), uma pessoa pode ouvir um som muito delicado, como um sussurro que vai atingir 20 dB, já uma conversa normal entre pessoas vai medir de 45- 60 decibéis (dB), os sons demasiado altos, com mais de 100 dB podem até causar uma surdez temporária.

A psicopedagoga não faz atendimento aos estudantes com deficiência auditiva porque a escola e os pais não acharam necessário, visto que o estudante faz uso do aparelho auditivo e escuta o que a professora fala.

A Constituição de 1988, no que se refere a educação, garantiu o direito à educação para todos, o que inclui as pessoas com deficiência auditiva na rede regular de ensino. Além disso, o decreto 5.626/2005 regulamentou a lei de Libras 10.436/2002 que prevê no atendimento especializado, o intérprete educacional e as necessárias adaptações metodológicas para os alunos surdos ou deficiente auditivo.

O Decreto nº 6.571/2008, determinou que os alunos com deficiência matriculados em classe comum de ensino regular público, devem ter matrícula concomitante no AEE nas salas de recursos multifuncionais da mesma escola, ou em outras escolas públicas e centros de Atendimento Educacional Especializado.

Como visto, há amparo legal para que todos os alunos com deficiência auditiva, desde uma surdez leve até a profunda, têm o direito de participar do Atendimento Educacional Especializado. A promoção de diálogo, nesse momento, faz-se necessária entre a psicopedagoga, a professora, os pais e a gestão escolar para oportunizar a reflexão sobre o AEE, o ensino e a aprendizagem do aluno com deficiência auditiva.

5.4 ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA

O Projeto Político Pedagógico de uma escola é o instrumento teórico metodológico, definidor das relações da escola com a comunidade a quem vai atender, explicita o que se vai fazer, porque se vai fazer, para que se vai fazer, para quem se vai fazer e como se vai fazer. É nele que se estabelece a ponte entre a

política educacional do município e a população, por meio da definição dos princípios, dos objetivos educacionais, do método de ação e das práticas que serão adotadas para favorecer o processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças e adolescentes da comunidade (Brasil, 2004, p. 9).

Para essa pesquisa, analisou-se o Projeto Político Pedagógico da escola para poder identificar a concepção de inclusão de estudantes com deficiência presente. O PPP da escola como foi exposto pelo coordenador está desatualizado a última versão foi do ano de 2017.

Na primeira página do projeto encontramos a identificação e característica da escola, a localização, atos legais, a jurisdição que pertence ao Núcleo Territorial de Educação - NTE-02 e a modalidade de ensino.

Na segunda parte foi encontrada a justificativa, mencionando que nos últimos anos a escola não conseguiu alcançar todos os objetivos e metas visadas, fugindo muitas vezes do seu papel, que é preparar os estudantes para o exercício da cidadania e relata que dentre os fatores responsáveis estão a falta de estrutura social e famílias e a precariedade de espaços para práticas pedagógicas.

A escola aponta que está empenhada em formar cidadão conscientes, mas apesar de terem profissionais formados habilitados, comprometidos e responsáveis o nível de ensino deverá melhorar a partir do momento que o estado promover a habilitação para os professores que atuam na Unidade Escolar e a formação continuada para professores e funcionários de outras áreas igualmente essenciais dentro do espaço escolar, aponta também que a carência de profissionais qualificados. O objetivo do projeto da escola é facilitar a aprendizagem, respeitar os conhecimentos prévios dos estudantes e atender ao objetivo principal da Educação que é formar indivíduos conscientes dos seus direitos e deveres.

O único ponto que fala sobre inclusão é referente a LDB em seu art 3 que cita que a Educação é dever da família e do Estado inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tendo por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho. Como a Educação é direito de todos, o professor se depara com diversidade humanas dentro da sala de aula. Conforme cita o Art. 3 inciso 1º Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e para alcançar essa meta, a escola deverá utilizar melhor os recursos disponíveis de maneira que atenda às necessidades e aspirações dos alunos.

O PPP descreve as necessidades e considera a realidade escolar, a situação apresenta o desconforto da escola por não oferecer ótimas condições de ensino aos estudantes.

A escola que expõe em seu Projeto Político Pedagógico a garantir uma educação de qualidade para todos. Segundo Beyer (2006, p.11) deve imprimir uma qualidade, uma nova visão a todo contexto vivido, não visar somente a reorganização formal, ou se embasar em concepções de homem, mundo ou sociedade isoladas e desvinculadas da heterogeneidade.

O PPP deve refletir a realidade da escola, como afirma Veiga (2003, p 11-12) em resumo, é um instrumento clarificador da ação educativa da escola em sua totalidade. Vale salientar, a valorização da diversidade e da individualidade de cada sujeito e a participação na construção do Projeto Político pedagógico na escola, pois, esse sujeito é parte do processo e a proposta pedagógica precisa firmar ações e princípios que possibilitem reconhecimento das características e peculiaridades de cada pessoa.

A partir dos pressupostos teóricos- metodológicos de Veigas (2003, p.11), no que se refere às características da criação do Projeto Político Pedagógico, podemos destacar que deve:

- a) ser um processo participativo de decisões
- b) preocupar-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico.
- c) Conter opções na superação de problemas, no decorrer do trabalho educativo voltado para uma nova realidade específica;
- d) explicitar os princípios baseados na autonomia da escola, na solidariedade entre seus agentes educativos e no estímulo à participação de todos no projeto comum e coletivo;
- e) explicitar o compromisso com a formação do cidadão;

Diante disso, a escola assim como todos os profissionais, devem relacionar-se com os alunos com deficiência, denominados público-alvo da educação especial, mais precisamente neste trabalho, com os alunos com deficiência auditiva. Para que haja participação nas tomadas de decisões na construção do Projeto Político Pedagógico.

5.5 TRIANGULAÇÃO DE DADOS

Ao cruzar os dados coletados da professora de química, Coordenador pedagógico e da pedagoga observou-se algumas semelhanças no discurso dos entrevistados. No que tange a utilização de recursos didáticos e metodologias foi observado nas respostas que todos concordam que a utilização de recursos e metodologias visuais possibilita uma melhor aprendizagem dos conceitos químicos principalmente para os estudantes e deficientes auditivos.

Coordenador pedagógico: *“Sempre oriento que mantenham o estudante mais próximo possível e na medida do possível, direcionem a fala para ele, visto que a leitura labial tende a facilitar”.*

Professora: *“Busco metodologias ilustrativas como imagens que represente o conceito abordado, slides, vídeos moléculas de plásticos, experiências e filmes”.*

Pedagoga: *“Utilizo comunicação por meio de imagens”.*

Lacerda Santos e Caetano (2011) retrata sobre a importância dos recursos visuais para estudantes surdos na prática docente e declaram que:

[...] a escola pode colaborar para a exploração das várias nuances da imagem, signo, significado e semiótica visual na prática educacional cotidiana, oferecendo subsídios para ampliar os “olhares” aos sujeitos Surdos e à sua capacidade de captar e compreender o “saber” e a “abstração” do pensamento imagético. (Lacerda; Santos; Caetano, 2011, p. 108)

Os surdos são essencialmente visuais, os recursos visuais são muito importantes no ensino e aprendizado desse público.

Percebeu-se nas respostas que todos os entrevistados tinham cursado a disciplina Libras e educação inclusiva em sua graduação, visto que é uma das disciplinas obrigatórias nos cursos de licenciatura e pedagogia, porém não se recordam mais dos conteúdos aprendidos nas disciplinas. O coordenador ressaltou que faz leituras sobre a educação inclusiva por conta própria.

“Faço umas leituras por conta própria e tenho pretensão de cursar uma especialização na área “

Posto isto, fica claro que quando o professor não está em constante estudos com que se aprendeu na graduação acaba-se esquecendo de determinados conceitos e aprendizados, ou seja, o conhecimento se perde com o tempo se não for usado e reforçado, e a área da educação particularmente, precisa estar em contínua

atualização, devido às mudanças metodologias, tecnologias e as necessidades de cada aluno em particular.

A formação continuada de professores em Libras, educação especial e inclusiva é fundamental para que haja inclusão de alunos surdos e deficientes auditivos, pois ela permite que os professores atualizem seus conhecimentos sobre as necessidades desses alunos. Além disso, a falta de profissionais formados na área de inclusão e Libras também foi uma das dificuldades apontadas pelos entrevistados que dificultam o ensino para estudantes surdos e deficientes auditivos.

Ao analisar o PPP da escola observou-se que a escola aponta que apesar de terem profissionais formados habilitados, comprometidos e responsáveis o nível de ensino deverá melhorar a partir do momento que o estado promover a formação continuada para professores e aponta também que a carência de profissionais qualificados. O coordenador pedagógico em uma conversa comigo na sala dos professores ressaltou que apesar de ter várias políticas, estudos na área sobre inclusão e educação especial programas de formação continuada e políticas públicas que afirmam promover uma política inclusiva como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva a qual orienta os sistemas de ensino garanta "[...] formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar" (Brasil, 2007, p. 5).

Nota-se que muitos professores ainda não se sentem preparados para atender alunos com deficiência, com tudo, faltam iniciativas efetivas para garantir a inclusão plena, e na prática, muitos desafios persistem como falta de apoio especializado, materiais adaptados e infraestrutura acessível para os estudantes com deficiência auditiva.

6. CONSIDERAÇÕES

Esse trabalho teve como objetivo entender como acontece o planejamento e a efetivação do Ensino de Química para estudantes surdos ou deficientes auditivos, o colégio onde realizou-se a pesquisa com a professora de Química, o coordenador pedagógico e a pedagoga reconhece em seu Projeto Político Pedagógico que ainda há muito a ser feito para que a escola alcance todos os objetivos e metas visadas em seu projeto, e um dos fatores que impede a efetivação do Ensino de Química, assim como também outras disciplinas é a precariedade de espaços para práticas

pedagógicas, e uma delas é o espaço apropriado para o Atendimento Educacional Especializado, a qual é feito em uma biblioteca na mencionada escola, outro ponto, é falta de recursos didáticos próprios para o atendimento os estudantes com deficiência auditiva e também a ausência de profissionais qualificados para atuar em algumas áreas, como por exemplo um intérprete de Libras.

Analisando a deficiência auditiva observa-se que sua característica particular é a ausência parcial da audição e isso dificulta a obtenção de algumas informações. Percebeu-se durante as observações e análise dos questionários que recursos didáticos para os deficientes auditivos têm um papel fundamental, ajudando-os a quebrar barreiras e sair do isolamento fazendo-os interagir com outras pessoas. O uso de metodologias audiovisuais, tais como laboratório de Química, DVD, Data Show, laboratório de informática, desenhos, imagens e o próprio uso da Libras foram estratégias apontadas pela professora como recursos fundamentais para a melhoria do desempenho e aprendizado do conteúdo de Química. Dessa forma, compreende-se que a Libras e a visão, são essenciais para o deficiente auditivo, pois estes serão para ele a condução através do qual conhecerá e aprenderá sobre a realidade que os rodeiam.

No que se refere ao professor, ele se torna uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem e que ativamente contribui para que o aprendiz alcance os seus objetivos. Como bem colocados no PPP da escola é importante que o professor participe de formações continuadas para melhorar a qualidade de ensino, pois será o responsável por ajudar os estudantes na aprendizagem, pois a falta de preparo e de metodologias adequadas para a realidade para alunos com deficiência auditiva falta de metodologias de ensino prejudica a aprendizagem dos mesmos. Há uma demanda muito grande em busca de profissionais especializados em Libras para atender as necessidades das escolas, porém o mercado conta com pouca mão de obra especializada, o que dificulta na aprendizagem dos alunos. Ao finalizar esse trabalho, é importante ressaltar que iniciamos uma discussão que ainda tem muito a ser abordado sobre inclusão de pessoas com deficiência auditiva e surdez nos espaços escolares.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Márcia R.; PINTO, Angelo C. **Uma breve história da Química Brasileira**. Cienc. **Cult São Paulo**, v. 63, n. 1, p. 41-44, jan. 2011. 7
- BRASIL. Lei nº 9.394/96. de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: SEE, 1996.
- CICCONE, M. **Comunicação Total**: introdução, estratégias a pessoa surda. 2 ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996
- COIMBRA, M. N. C. T.; MARTINS, A. M. O. O estudo de caso como abordagem metodológica no ensino superior. *Nuances*. São Paulo, 24(3), 31-46, 2013.
- DALLI, Karoline S. **A Inclusão do Surdo na Educação Brasileira**. 2010. 83 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2010.
- GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 87 p
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda, linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª edição. São Paulo: Plexus editora, 2002.
- LULKIN, S.A. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, C.B. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- MACEDO, E.; LOPES, A. R. C. **A estabilidade do currículo disciplinar: o caso das ciências**. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Disciplinas e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 73-94.
- MEC, Portal Gestão Democrática. Acesso em: 09 de Janeiro de 2025. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>
- MORTIMER, E. F. **Sobre chamas e cristais**: a linguagem cotidiana, a linguagem científica e o ensino de ciências. In: CHASSOT, A.; OLIVEIRA, R. J. (Org.). **Ciência, Ética e Cultura na Educação**. São Leopoldo: Unisinos, 1998.
- NEVES, Luiz S. das; FARIAS, Robson. F. de. **História da Química: um livro-texto para graduação**. 2. ed. Campinas: Átomo, 2011. 136 p.
- OLIVEIRA, W. D. de; MELO, A.C.C.; BENITE, A.M.C. O diário de aula coletivo: um recurso para a investigação do ensino de ciências para surdos. In: **Congresso Brasileiro de Educação Especial**, 4, 2010, São Carlos. Anais... São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

RESENDE, L.M.G de (Org.). Escola: espaço do projeto político pedagógico . 7. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

Revinter, 2008. 88 p. ROCHA, Joselayne S.; VASCONCELOS, Tatiana C. Dificuldades de aprendizagem no Ensino de Química: algumas reflexões. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA** (XVIII ENEQ), 18., 2016, Florianópolis/SC.

ROCHA, Solange Maria da. **Memória e história: a indagação de Esmeralda**/ Solange Rocha. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2010

ROSA, M. I. P.; TOSTA, A. H. **O lugar da Química na escola: movimentos constitutivos da disciplina no cotidiano escolar. Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 253-263, 2005.

SANTOS, Nadja Paraense dos. **Pedro II, sábio e mecenas, e sua relação com a química. Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 54-64, jan./ jun. 2004. Disponível em: https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=161. Acesso em 02 mai. 2024.

SEDH. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. 4ª Ed., rev. e atual. Brasília:

SKLIAR, C. B. **A formação de professores (surdos e ouvintes) desde a perspectivada diferença**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000

SMITH, Deborah Deutsch. **Introdução à Educação Especial: ensinar em tempos de inclusão**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 480 p.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A Educação do Surdo no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VEIGA, Ilma, P. A. Perspectivas para a reflexão em torno do Projeto Político Pedagógica. In: VEIGA, P.A;

XAVIER, Keli. S. **O Intérprete de Libras na Educação de Surdos**. In: Victor, S.L. **Práticas Bilíngues: Caminhos Possíveis na Educação de Surdos**. Vitória: GM, 2010, p. 109-123

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010

APÊNDICES

APÊNDICE A – PARA A PROFESSORA DE QUÍMICA

Olá Sra professora. Eu, Tayná Dourado, estudante do curso de Licenciatura em Química, convido vossa senhoria a participar desta pesquisa que tem por finalidade analisar os desafios no Ensino de Química para estudantes surdos.

Ressalto que lhe será assegurado total anonimato como participante desta pesquisa, bem como em etapas posteriores e divulgações futuras veiculadas em qualquer espaço/veículo de divulgação acadêmica.

QUESTIONÁRIO

- 1 - Você é licenciado em Química?
- 2 - Há quanto tempo você é professor?
- 3 - Na sua graduação você cursou a disciplina LIBRAS?
- 4 - Em sua formação você cursou algum componente que abordava a educação inclusiva ou estudou este tema por conta própria?
- 5 - Você já lecionou para outros alunos com deficiência auditiva além deste atual?
- 6 - Conte a sua experiência de lecionar para este aluno com deficiência auditiva.
- 7 - Você tem dificuldades no Ensino de Química para surdos? Se sim, quais?
- 8 - Como você pensa suas aulas para que haja acessibilidade para o estudante surdo ou com deficiência auditiva?
- 9 - Qual conteúdo da Química que você considera mais difícil de ensinar para os alunos surdos ou com deficiência auditiva?
- 10 - Fale um pouco sobre como os estudantes surdos são comparados por você em relação aos estudantes ouvintes no aprendizado em sala de aula.
- 11 - O que você acredita que mais chama a atenção dos surdos nas aulas de Química?

12 - Você tem relacionado os conteúdos de Química com o cotidiano dos estudantes?

13 - Quais estratégias didático-pedagógicas você costuma utilizar na sua prática docência com surdos?

14 - Quais métodos você costuma utilizar para avaliar os estudantes surdos?

15 - Quais os materiais/recursos didáticos você costuma utilizar em suas aulas?

APÊNDICE B - PARA A COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Olá Sra professora. Eu, Tayná Dourado, estudante do curso de Licenciatura em Química, convido vossa senhoria a participar desta pesquisa que tem por finalidade analisar os desafios no Ensino de Química para estudantes surdos.

Ressalto que lhe será assegurado total anonimato como participante desta pesquisa, bem como em etapas posteriores e divulgações futuras veiculadas em qualquer espaço/veículo de divulgação acadêmica.

QUESTIONÁRIO

- 1 - Há quanto tempo você é coordenadora pedagógica?
- 2 - Na sua graduação você cursou a disciplina LIBRAS?
- 3 - Em sua formação você cursou algum componente que abordava a educação inclusiva ou estudou este tema por conta própria?
- 4 - O horário de atendimento ao professor de Química que leciona para os estudantes surdos, tem alguma diferença em relação aos demais atendimentos?
- 5 - Qual tem sido o direcionamento das orientações à professora de Química com relação ao ensino dos estudantes surdos?
- 6 - Quais as preocupações em relação à avaliação da aprendizagem de Química dos estudantes surdos?
- 7 - Como esta escola tem se preocupado com o Ensino de Química para estudantes surdos sem o domínio da Libras?
- 8 - Existe alguma preocupação com a interação entre a família e a escola no processo educacional do estudante surdo?
- 9 - A escola tem intérpretes de Libras ou outro profissional para auxiliar o estudante surdo em seu processo educacional?
- 10 – Você tem conhecimento sobre o que o PPP da escola preconiza a respeito de estudantes com deficiência, especialmente surdos?

APÊNDICE C - PARA A PSICOPEDAGOGA

Olá Sra professora. Eu, Tayná Dourado, estudante do curso de Licenciatura em Química, convido vossa senhoria a participar desta pesquisa que tem por finalidade analisar os desafios no Ensino de Química para estudantes surdos.

Ressalto que lhe será assegurado total anonimato como participante desta pesquisa, bem como em etapas posteriores e divulgações futuras veiculadas em qualquer espaço/veículo de divulgação acadêmica.

QUESTIONÁRIO

- 1 - Qual sua formação?
- 2 - Há quanto tempo você exerce a profissão de psicopedagoga?
- 3 - Na sua graduação você cursou Libras ou algum componente que abordava educação inclusiva?
- 4 - Você tem conhecimento ou habilidade com a Libras?
- 5 - Como é estabelecida a comunicação entre você e os estudantes com surdez ou deficiência auditiva?
- 6 - Conte sua experiência no atendimento aos estudantes com surdez ou deficiência auditiva.
- 7 - Quais dificuldades você tem enfrentado no atendimento aos (às) estudantes com surdez ou deficiência auditiva?
- 8 - Você tem curso para atuar no Atendimento Educacional Especializado (AEE)?
- 9 - Para serem atendidos por você, os estudantes necessitam de Laudo Médico? Se sim, qual a utilização do Laudo no seu trabalho?
- 10 - Como você organiza os seus atendimentos?
- 11 - Você faz orientações aos professores para a docência aos estudantes com deficiência?
- 12 - Você já orientou alguma ação específica ao (à) professor (a) do Ensino de Química na atuação com os estudantes com surdez ou deficiência auditiva?
- 13 - Você dialoga com os pais dos seus estudantes atendidos por você para de alguma forma orientar o seu atendimento a eles? Se sim, você entende que esses diálogos a têm auxiliado no seu trabalho com os estudantes?